



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Ética e Jornalismo
Rafiza Varão
Pedro Henrique Canguçu da Silva – 16/0141273

Para sempre Araceli
- Pedro Canguçu

“Se Aracelli tivesse tomado o ônibus, agora estaria a meio caminho de casa, no bairro de Fátima, onde as ruas não tem calçamento, são largas, e os arbustos crescem nos quintais, formando tufo de verdura por cima das cercas e muros baixos”

-José Louzeiro

O caso ocorreu em 1973, 18 de maio, sexta-feira, quando a menina Araceli Cabrera Crespo, 8 anos, foi estuprada, drogada, morta e carbonizada no Espírito Santo. Araceli era a segunda filha do eletricitista Gabriel Crespo e da boliviana Lola Sánchez. Araceli saiu mais cedo da escola, São Pedro, a pedido da mãe Lola. Em vez de ir ao ponto de ônibus, Araceli foi vista no bar Oasis, brincando com um gato. Os acusados são pertencentes a duas famílias influentes no estado Espírito Santo. Paulo Costanteen Helal — Paulinho, e Dante Michelini Júnior, conhecido como Dantinho. O caso também envolve Nilson Sant’Anna — perito que estudou o caso Araceli; Hilton Silly — juiz responsável pelo julgamento; Ronaldo Monjardim — garoto que encontrou o corpo de Araceli no mato. O caso gerou grande repercussão e virou romance-reportagem, *Araceli, meu amor*, do jornalista José Louzeiro, que servirá como base para o estudo, além a cobertura documental do *Globo Repórter* da Rede Globo e de alguns jornais da época.

Caso



Foto 1- Desaparecimento de Araceli foi divulgado nos jornais da época no Espírito Santo. (Foto: CEDOC/ A GAZETA)
A foto foi tirada do portal de notícias G1- Espírito Santo

Na época do crime, Araceli tinha apenas 8 anos de idade. Todos os dias, a menina saía às 16h30 da escola São Pedro, na praia de Suá, em Vitória, até a parada de ônibus nas avenidas Ferreira Coelho e Cézar Helal, onde pegava o transporte que a levava à residência no bairro de Fátima. Devido aos atrasos constantes de Araceli, sua mãe, Lola, pediu à diretoria da escola que liberasse a menina mais cedo, às 16h10, para que pegasse o ônibus. No dia 18 de maio, Araceli saiu no horário combinado e foi levada ao portão da escola pela diretora. Às 16h30 estava sentada no bar Oasis. Quem a viu foi

Luciano Manoel que afirmou que ela estava com um gato no colo. Ele ainda gritou sinalizando o ônibus para ela, mas Araceli não o avistou. Segundo o promotor Wolmar Bermudes, Araceli era uma criança precoce, se desenvolveu muito rápido, aparentava mais de 10 anos e começou a ser desejada por Paulo Helal e Dantinho Michelini. Ambos frequentavam o bar do Oasis. De acordo com as denúncias, Dantinho foi visto diversas vezes passando de carro amarelo em frente à escola. Dias antes, Paulo Helal mandara Marislei Fernandes (cúmplice e fonte do caso) — acusada de toxomania e prostituição — entregar a Araceli um sorvete, com a intenção de dizer que era um presente do tio Paulinho. Em seguida, pediu que ela entregasse uma boneca para Araceli. “Ele disse que estava afim de ‘agitar’ uma, e eu disse, qual? E ele, uma menininha”. Declarou Marislei. Voltando ao dia 18, Paulo Helal e Marislei se dirigiram ao posto de ônibus para oferecer carona à menina. Marislei desceu e Araceli entrou no carro e junto com Paulinho saíram de lá. Mais tarde, no mesmo dia, Araceli foi vista por Almerinda dos Santos, encostada na parede do bar Franciscano, de uniforme, comendo pipoca. De acordo com ela, Paulinho tinha levado comida para dois dias no sótão onde se encontrava a menina. A equipe do *Globo Repórter* foi atrás de Paulo Helal para saber das acusações e ele negou todos os fatos.

Mas, conforme a denúncia, Araceli ficou mantida no cativeiro até o domingo, dois dias depois do desaparecimento. Durante esse tempo, ela estava sob efeito de entorpecentes e era submetida a violências sexuais. Tempos depois, Araceli foi levada ao hospital Bom Menino, mas já chegou morta. O corpo foi colocado em prédio nas proximidades, mas devido ao mau cheiro, Paulo Helal e Bentinho jogaram o corpo em um saco de tamanho grande, colocaram dentro de um porta mala e o lançaram perto do hospital. Muitas notícias saíram que Araceli estaria viva, algumas com participação de videntes e psicólogos, mas o caso morreu para a opinião pública no dia 24 de maio, quando um garoto de 15 anos, Ronaldo Monjardim foi caçar pássaros perto de casa e avistou um corpo. Ao chamar seu pai, este constatou que o corpo — todo dilacerado e comido por animais — era de uma criança.



que foram peneirados, os fios de cabelos. A acusação caiu sobre os principais envolvidos: Dante de Barros Michelini (o Dantinho), Dante de Brito Michelini (pai de Dantinho) e Paulo Constanteen Helal – todos membros de tradicionais e influentes famílias do Espírito Santo. Em entrevista ao *Globo Repórter* de 1977, o pai de Dante Michelini

Foto3 – Dantinho (esquerda), Paulo Helal (centro) e Dante Michelini (direita). (Foto: reprodução/ TV Gazeta)
A foto foi tirada do portal de notícias G1- Espírito Santo

afirmou que “pesa a acusação de haver mantido a menor em cárcere privado, dois dias, no sótão do seu bar, em Camburi. Contra os dois, o Dante Filho e o Helal, pesam as acusações de haverem os dois ministrados a infeliz menor tóxicos e haverem ainda de maneira violenta mantido congresso carnal com a infeliz menina”

Mesmo após 40 anos de sua morte, o caso ainda é um mistério. Até hoje, os acusados negam envolvimento.

Em 1980, Hilton Silly, juiz responsável pelo caso, definiu a sentença nas seguintes etapas: Paulo Helal e Dantinho deveriam cumprir 18 anos de reclusão e o pagamento de uma multa de 18 mil cruzeiros e Dante Pai foi condenado a cinco anos de reclusão. Em entrevista ao jornal globo, o juiz declarou que os três foram condenados porque haviam provas da materialidade a da autoria do crime.

"Foi através não só da farta prova testemunhal, mas também, sobretudo, da prova indiciária, que é chamada prova artificial indireta por circunstancial, baseado em indícios veementes, graves, sérios e em perfeita sintonia de causa e efeito com o fato principal". Declarou Hilton Silly.

A Cobertura da Imprensa

Araceli foi um caso que comoveu todo o Brasil e acabou resultando numa lei em proteção às crianças e uma data em especial — Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, com a aprovação da Lei Federal 9.970/2000. Muitos veículos fizeram a cobertura do caso. A cobertura do *Globo Repórter* feita por Sérgio Chapelin e sua equipe seguiu o que deve ser feito, que é prezar pela veracidade dos fatos. Durante as investigações, a equipe entrevistou todos os

O corpo foi levado ao IML de Vitória e a perícia teve que usar uma peneira para achar os dentes. O pai dela confirmou que era o corpo de Araceli, mas a mãe insistia que ela estava viva. No dia seguinte ele afirma que não era, mas após resultados médicos, o corpo era mesmo de Araceli. Todos os exames comprovaram que o corpo, destrinchado em partes, pertencia a Araceli. Os dentes

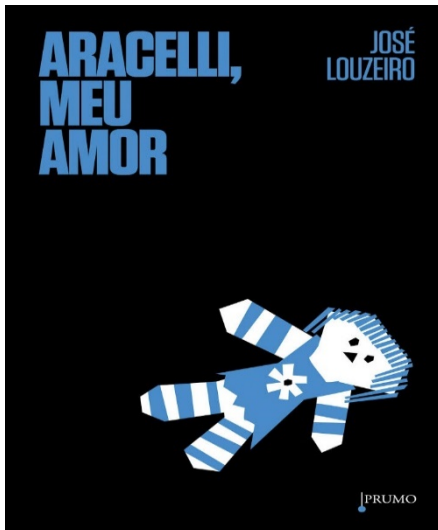
envolvidos no caso, escutando todas as partes. Houve uma forte apuração, em geral. Sob o ponto de vista ético, a cobertura foi positiva pois os jornalistas não se deixaram influenciar pelos envolvidos, mas prezaram pela a veracidade dos fatos, ouvindo testemunhas que não quiseram se identificar e seguiram os seguintes princípios éticos:

- **Art. 7º** – O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação.
- **Art. 9º** - Opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos do Homem;

- Divulgar todos os fatos que sejam de interesse público;

- Opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos do Homem; (ninguém tem o direito de tirar a vida do próximo)

- **Art. 15** – O Jornalista deve permitir o direito de resposta às pessoas envolvidas ou mencionadas em sua matéria, quando ficar demonstrada a existência de equívocos ou incorreções.
- **Art. 16** – O jornalista deve pugnar pelo exercício da soberania nacional, em seus aspectos político, econômico e social, e pela prevalência da vontade da maioria da sociedade, respeitados os direitos das minorias.



Outro jornalista com grande destaque é o José Louzeiro. Louzeiro escreveu a obra *Aracelli, meu amor*, que conta a história, em detalhes, de Aracelli.

De acordo com Zé Maria Batista, que realizou a cobertura para o jornal *A Gazeta*, e que esteve com o acusado Paulo Helal e seu advogado,



este último estava com um envelope cheio de dinheiro para subornar o jornalista Zé Maria afirmou: “Doutor, guarda isso aí se não fico muito tentado”. Ele falou em tom de descontração, ele seguiu o código de ética e não deixou se levar por dinheiro fácil, sendo ético e não sendo amoral.

ANEXOS



A rua e a casa onde Araceli viveu no Espírito Santo, em fotos atuais. (Foto: Viviane Machado/G1)



Colégio São Pedro em 1977 e o local em 2015. (Foto: Montagem/G1)



Bar Oasis- esquina entre a rua Ferreira Coelho e César Helal. Imagens de 1977 e 2015. (Foto: Montagem/G1)



Bar Franciscano em 1977. Lugar foi derrubado e o lote está vazio em 2015. (Foto: Montagem/G1)



Cemitério Serra- Sede, onde o corpo de Araceli Crespo está enterrado (Foto: Montagem/G1)